



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Alguns elementos para o Estudo dos Recintos Muralhados do Planalto da Humpata

(Região da Huíla, Sudoeste de Angola)

Por VÍTOR M. DE OLIVEIRA JORGE
(Assistente da Faculdade de Letras do Porto)

1. A REGIÃO, OS SEUS HABITANTES, A SUA HISTÓRIA

1.1 «Sudoeste de Angola»

Por esta expressão entende-se aqui, de acordo com J. Desmond Clark (1), uma das três zonas de distribuição das indústrias pré-históricas em Angola, abrangendo uma larga faixa de território limitada a ocidente pelo oceano e a oriente por uma linha curva que, em arco, e genericamente, passa por Luanda, cidade do Huambo e Pereira d'Eça.

1.2 Planalto da Humpata

1.2.1 *Geomorfologia*

Trata-se de uma das aplanções de maior altitude do Sudoeste de Angola (cotas entre 1.600 e 2.300 metros), integrada no conjunto da Serra da Chela. Tem um aspecto tabular, ou de mesa, e é formada por rochas sedimentares posteriormente metamorfizadas (Câmbrico a Silúrico), nas quais se distingue um conjunto de estratos genericamente designados por «Camadas da Humpata», «Sistema», «Formação» ou «Séries da Chela», basicamente constituídos por formações greso-quartzíticas, cobertas

(1) *The Distribution of Prehistoric Culture in Angola*, Lisboa, Publicações Culturais da Diamang, 1966, n.º 73, p. 17.

por rochas xistosas e calcárias (calcários dolomíticos). Esta sucessão de estratos, dispostos horizontal ou sub-horizontalmente, assenta, por sua vez, em rochas graníticas ou grano-dioríticas.

A transição deste planalto para a região sub-planáltica, a oeste, é feita por uma escarpa de erosão; a leste, ele prolonga-se numa peneplanície, com uma altitude média de 1.400 metros, interrompida por vezes por formas residuais de relevo, e cujo limite apresenta em certos pontos um declive pronunciado.

1.2.2 *Clima, hidrografia, flora e fauna*

O clima é de tipo mesotérmico ou temperado húmido (Koeppen), com alternância de um período de chuvas, ou verão (com temperaturas máximas na ordem dos 30° C), e de um inverno seco e mais frio, entre Maio e Setembro, no qual as temperaturas mínimas chegam a atingir valores negativos, verificando-se, por vezes, a formação de geada.

É uma região de forte pluviosidade, o que, juntamente com as condições do sub-solo, lhe proporciona uma grande abundância de água. Os principais rios, permanentes, correm pelas frequentes linhas de fractura, orientando-se, a partir de uma falha NW-SE, para oeste e leste. Os que estão no segundo caso fazem parte da rede hidrográfica do Caculuar, rio que passa pela cidade do Lubango e desagua no Cunene.

A vegetação do planalto é sobretudo caracterizada pela associação *Berlinea-Brachystegia-Combretum*, constituindo um tipo de bosque vulgarmente designado «mato da Panda». Há também áreas cobertas por uma estepe de arbustos (por ex., entre a Huíla e o Jau) e, nos solos mais pobres, as «anharas do alto», um prado de altitude. Quanto à fauna, o que predomina é a de mais pequeno porte, por a restante ter sido dizimada pelo intenso povoamento humano: coelhos, lebres, perdizes, galinhas do mato (capotas), raposas, gatos bravos, cabras do mato, macacos, cães selvagens (mabecos), etc. ⁽¹⁾.

(1) «Carta Geológica — Folha n.º 355, Humpata — Caine — Notícia Explicativa», Luanda, Direcção Provincial dos Serviços de Geologia e Minas, 1973.

1.2.3 *Habitantes: os Muílas*

A etnia dos Muílas habita as zonas mais elevadas do planalto da Huíla, e, entre elas, o planalto da Humpata. São bantos, fazem parte do grupo étnico Nhaneca-Humbe e, juntamente com os Gambos, constituem o agregado dos Nhaneca. Actualmente devem ser cerca de 75.000 indivíduos.

A sua economia é mista, com criação de gado, sobretudo bovino, e uma agricultura de subsistência, milho e sorgo («massambala») sobretudo. Tradicionalmente, havia uma divisão de trabalho entre os sexos bem marcada, com o pastoreio entregue aos homens e a agricultura (à excepção da derruba e arroteamento, e cercadura dos terrenos de cultura) e os trabalhos domésticos (moagem, cozinha e cestaria), às mulheres. O habitat é familiar, e não por aldeias, e é composto por um conjunto de construções (cubatas de dormir, pequenos celeiros e armazéns, cozinhas e currais) envoltas por uma palissada. Os laços de parentesco e as leis de propriedade e herança regem-se pelo sistema matrilinear. No que toca à organização social, encontram-se divididos em clãs, e repartem-se em dois sobados, o da Huíla e o do Jau.

As actividades artísticas deste povo resumem-se à decoração de diversos utensílios (segundo padrões geométricos, muitas vezes gravados), aos elementos de adorno, e à confecção de bonecas rudimentares, além de um importante elemento de arte corporal, os penteados femininos. A «arte» da preparação de cabeleiras, como a da olaria, praticadas pelas mulheres, estão em muitos casos ligadas já a um âmbito sagrado, tendo as suas autoras de passar por um rito iniciático. Outros ritos de iniciação são os que se relacionam com a puberdade, nos rapazes e raparigas.

Finalmente, a religião dos Muílas apresenta um duplo aspecto, com o culto, por um lado, de um ente supremo, tido como criador e senhor do universo e, por outro, de espíritos, em especial dos antepassados, com o qual se relaciona, por exemplo, o cortejo anual do boi sagrado tribal (Jau), estudado, como tantos outros

aspectos das etnias do Sudoeste de Angola, por C. Estermann (1). Refira-se ainda a rica literatura oral deste povo.

1.2.4 *Pré-história e História da região da Huíla até ao séc. XIX — breve esquema*

1.2.4.1 Pré-história

A Pré-história da região da Huíla, na qual se integra o planalto da Humpata, está, por enquanto, apenas definida nas suas linhas gerais. Deve aqui referir-se a existência, na zona da Leba (Humpata), de brechas ósseas (preenchendo fissuras dos calcários dolomíticos da formação superior da Chela) nas quais foram reconhecidas espécies de primatas que parecem idênticos aos que acompanhavam os australantropianos descobertos no Transval (África do Sul) (2). Quanto ao Acheulense, está ainda mal estudado nas terras altas da Huíla, apesar de não serem raros os bifaces e machadas (*hachereaux*) de tipo acheulense aí recolhidos, em diversos locais. Mais tarde, é no período da «Middle Stone Age» que a zona da Huíla volta a interessar-nos, com as estações de Bata-Bata, as da zona da Leba, as das Estação Zootécnica da Humpata, de Cangalongue (Jau), etc., estações que Desmond Clark caracteriza como pertencendo a uma «Middle Stone Age» indiferenciada. Na própria região da cidade do Lubango, há várias jazidas de terraço fluvial atribuíveis, em princípio, a um tal complexo cultural, como, por exemplo,

(1) V., deste autor, «Etnografia do Sudoeste de Angola», Vol. II — Grupo Étnico Nhaneca-Humbe, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 2.ª ed., 1960.

(2) V., sobre este assunto:

Fernando Mouta, *Sobre a presença do quaternário antigo no planalto do Sul de Angola (Leba — Humpata)*, «XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», t. V, Lisboa, 1950, pp. 497-502; Raymond Dart, *A note on the limestone caverns of Leba, near Humpata, Angola*, «The South African Archaeological Bulletin», vol. V, Dez. 1950, n.º 20, pp. 149-151; C. Arambourg e F. Mouta, *Les grottes et fentes à ossements du Sud de l'Angola*, «II^e Congrès Pan-Africain de Préhistoire», Argel, 1952; F. Mouta, *Possibilidade de existência de pré-hominídeos no sul de Angola (Leba, Humpata)*, «Anais do Instituto de Medicina Tropical», vol. X, n.º 4, fasc. II, 1953, pp. 2.905-2.911.

as jazidas n.º 1 dos Barracões e n.º 1 do Rio Capitão (1), e também, provavelmente, a da Missão do Munhino. Refira-se aqui a opinião de Miguel Ramos, que inclui a jazida da cascata da Leba, entre outras do Sudoeste de Angola, no complexo Stillbay-Pietersburg, acrescentando «ser muito provável que exista uma fácies cultural da Middle Stone Age específica do Sudoeste de Angola e que a sua evolução se tenha processado em, pelo menos, dois estádios bem definidos — Leba e Capangombe» (2).

A concluir esta introdução sobre a Pré-história, e já no âmbito da «Later Stone Age», assinala-se o facto de D. Clark ter relacionado indústrias tardias da gruta 1 da Leba (Humpata) com a Cultura do Erongo ou de Brandberg, uma cultura estudada no vizinho Sudoeste Africano e que, em Angola, C. Ervedosa (3) considera atribuível aos Cuissis, povo vatua da região de Moçamedes. Entre esses artefactos estudados por Clark encontram-se, além de peças de pedra talhada, pedras utilizadas como pilões, polidores ou para a moagem de cereais, uma pedra com perfuração central, um fragmento cerâmico sem decoração e pontas de seta de ferro.

Como se vê, apesar da incipiência dos estudos já feitos, o planalto da Humpata é muito rico em estações pré-históricas, quer sejam jazidas de primatas fósseis, quer jazidas de superfície, de terraço fluvial, ou de grutas e abrigos. Numa época mais recente, vêm completar este

(1) Cf. Vítor M. de Oliveira Jorge, *Novas estações arqueológicas do Sudoeste de Angola*, publicado no vol. LXXXV da «Revista de Guimarães», Jan.-Dez. 1975, pp. 109-126.

(2) Cf. Aditamento a «A Pré-história da África», de Desmond Clark, Lisboa, Edit. Verbo, s/d., col. «Historia Mundi», p. 237.

Aliás, já Camarate França, num artigo publicado em 1964 sobre a gruta 1 da Leba (Humpata) — *Nota preliminar sobre uma gruta pré-histórica do planalto da Humpata, Angola*, «Estudos Sobre Pré-história do Ultramar Português», Memórias da Junta de Invest. do Ultramar, 2.ª série, n.º 50, 1964, pp. 59-67 — se referia a uma fácies particular da «Middle Stone Age» aí presente, a qual designou «Cultura da Leba» (Camada 3), e a uma indústria da camada imediatamente superior (camada 4) caracterizada como «um Stillbay evoluído ou um Magosiense pouco típico».

(3) «Arqueologia do Tchitundo-hulo-Mulume — Moçamedes — Angola», Luanda, Departamento de Biologia da Universidade, 1974.

quadro arqueológico os recintos muralhados, também muito abundantes, e que serão objecto deste trabalho. Assim, podemos dizer que só estão ausentes, nesta área, e de acordo com os conhecimentos actuais, as estações de arte rupestre, que no entanto abundam em regiões próximas, como a zona sub-planáltica, por exemplo.

1.2.4.2 Proto-história e História até ao séc. XIX

As origens da Idade do Ferro em Angola estão intimamente ligadas às migrações dos povos negros agricultores e metalurgistas, que devem ter entrado no Norte do país por volta dos inícios da nossa era. Uma dessas linhas de penetração, considerada por D. Clark (1), é a do Sul, que, após atravessar regiões de estepe, e a cintura de mopane do Norte do Calaári, teria vindo ocupar o Sudoeste de Angola, tanto nas suas terras baixas, semi-desérticas, como nos planaltos temperados. Enquanto não se fizerem estudos mais precisos, escorados em datações pelo C14, é difícil saber em que época isso se deu. No Féti, uma das estações mais importantes da Idade do Ferro de Angola, situada junto ao rio Cunene (zona do Huambo), foi datado pelo C14 um nível com cerâmicas dos inícios do séc. VIII da nossa era, mas por ora seria impossível utilizar esse dado para comparações com a região que nos ocupa.

Entretanto, parece poder deduzir-se que no séc. XVI, ou mesmo no séc. XV, os Nhaneca terão entrado no Sul de Angola, atravessando o Cunene até ao planalto da Huíla (onde teriam possivelmente encontrado povos bochimanes). Após esta migração e a dos Hereros (que se instalaram entre a Serra da Chela e o deserto de Moçâmedes) ter-se-ia constituído o «reino de Mattaman», que abarcava os actuais distritos da Huíla e de Moçâmedes. A história desse «reino» foi interrompida pela invasão dos Jagas, pelo último quartel do séc. XVI, os quais o dividiram em dois, o da Huíla e o do Humbe. O «reino» ou sobado da

Huíla teria tido uma posição preponderante, exercendo a sua soberania desde o litoral até quase ao rio Cunene; porém, a partir de finais do séc. XVIII, princípios do séc. XIX, começou a desmembrar-se em pequenos «reinos», como o do Jau, o de Quilengue-Humbe, o de Quilengue-Muso, o de Quipungo, o de Gambo, etc.; o mesmo aconteceu ao «reino» do Humbe. Assim se foi constituindo, até finais do séc. XIX, o actual mosaico de agrupamentos étnicos desta região. Essa fragmentação do antigo «reino» da Huíla deu-se paralelamente aos avanços da colonização portuguesa do planalto e às primeiras formas de resistência contra tais avanços por parte das suas populações. Como é sabido, uma base importante para as incursões portuguesas nos planaltos do Bié e Huíla foi a fortaleza de Caconda, fundada em 1682; já no século seguinte, seriam estabelecidas duas outras dessas bases mais para sul, desta vez as povoações comerciais de Salvaterra de Magos (Quilengue) e de Alba-Noya (Huíla), em 1769.

Foi durante quase todo o séc. XIX que se verificaram as chamadas «Guerras do Nano», movidas principalmente contra os centros de ocupação portuguesa do planalto da Huíla, e contra as populações autóctones de algum modo coniventes com essa ocupação, por parte, sobretudo, dos povos do planalto do Bié, por vezes secundados por alguns dos «estados» da região da Huíla. Foi longa, como é bem sabido, a resistência de todos estes povos às tentativas de dominação colonial.

Estas últimas podem recordar-se muito esquematicamente. Em 1840, foi fundado o presídio de Moçâmedes, no litoral; em 1845, o presídio da Huíla, ponto de apoio para as subseqüentes campanhas de ocupação do Sul, ao longo do Caculuar, em direcção ao Cunene. Em 1880 instalaram-se algumas centenas de boers na Humpata; em 1885, chegaram os colonos madeirenses ao Lubango, os quais, no local dos «Barracões», lançaram as bases da actual cidade (antiga Sá da Bandeira). Em 1891, mais uma campanha era dirigida contra o Humbe, no encontro dos rios Caculuar e Cunene; atingia-se assim a terra dos Cuamatos e Cuanhamas que, atravessando o Cunene, passaram à ofensiva, em incursões que chegaram a alcançar as regiões de Quipungo e Caconda. Também por esta altura penetraram no território de Angola grupos aguerridos de hotentotes, expulsos do

(1) *Some Early Iron Age Pottery from Lunda*, «Further Palaeo-Anthropological Studies in Northern Lunda», Lisboa, 1968, Public. Culturais da Diamang, n.º 78, pp. 191-196.

sul pelos alemães. Só na segunda década do século XX conseguiram os portugueses assegurar o seu domínio sobre todo o Sul de Angola (1).

1.2.5 Nota toponímica

Humpata (*Ompata*) significa, em banto, «discussão», «disputa». Na opinião de C. Estermann, citada por Sousa Dias (2), tal topónimo deve estar ligado a uma tentativa de instalação, nesta zona, de um grupo indígena qualquer que, impedido de o fazer pelos ocupantes, se teria dirigido para o Lubango (= *Luwango*, ou seja, «decisão», «determinação»).

2. OS MONUMENTOS

2.1. Os recintos muralhados do planalto da Humpata

Neste trabalho, reportar-nos-emos principalmente a quatro amuralhados, um na zona da Huíla — que designaremos *Amuralhado I da Huíla* — e três na zona do Jau, o do *Leo*, o da *Muelemba* (Cangalongue) e o da *Dangala ou Tchitunda* (3).

Faremos no entanto, antes de mais, uma referência esquemática a outros recintos do mesmo tipo de que, e graças sobretudo às prospecções de Machado Cruz, há conhecimento neste planalto, quase todos concentrados na área do Posto Administrativo do Jau (área que, *grosso modo*, corresponde a um triângulo com os vértices em Bata-Bata, Leo e Cavambo), na qual aquele autor

(1) Cf. «História de Angola», publicada inicialmente em Argel pelo «Centro de Estudo Angolano», Porto, Ed. Afrontamento, s/d. V., também, por exemplo, Gastão Sousa Dias, «A Cidade de Sá da Bandeira», Sá da Bandeira, Ed. da Câmara Municipal, 1957.

(3) V. op. cit. na nota anterior, p. 13.

(2) O autor deseja expressar o seu reconhecimento pela colaboração prestada, na análise dos monumentos em causa, pelos seus antigos alunos da Universidade de Luanda, Euridice Carvalho, Marinela Costa, Manuel Ribeiro, João Ribeiro, Fernando Loureiro, Beza Moreira, Elizabeth Baptista e Anabela Ribeiro.

assinalou dezassete de tais monumentos, sem que, mesmo assim, considerasse esgotantes as suas pesquisas (1). Quer isto dizer que este tipo de estações deverá ser bastante abundante neste planalto (como, aliás, em todo o Sudoeste de Angola), e que a sua distribuição está, por enquanto, muito condicionada pela maior ou menor intensidade das prospecções já realizadas.

2.1.1 Zona da Huíla

Amuralhado II da Huíla

Situa-se a cerca de 200 metros para norte do Amuralhado I da Huíla (ver localização e descrição adiante), a noroeste da povoação da Huíla, e a cerca de 1.800 metros de altitude absoluta. Trata-se de um recinto de forma alongada, com duas entradas nas extremidades de um eixo maior norte-sul, e corresponde a um aproveitamento dos afloramentos quartzíticos, em certos locais preenchidos nos seus interstícios, noutros completados em altura, por amontoados de pedra solta.

2.1.2 Zona do Jau (2)

Amuralhado de Ococapunda

Situa-se em Capunda, nas proximidades da residência («embala») do soba do Jau. Forma um recinto elíptico («embala») do soba do Jau. Forma um recinto elíptico com 31,5 m do eixo maior, e 28,8 m de eixo menor (medidos no interior). A muralha é baixa, mas apresenta uma largura considerável — 3,7 m na base.

(1) Segundo um manuscrito, inédito, entregue para publicação ao Instituto de Investigação Científica de Angola (Luanda), e gentilmente comunicado ao autor, o que este muito agradece.

(2) Todos os dados constantes desta alínea foram retirados do trabalho de Machado Cruz citado na alínea anterior; aqui utilizados como enquadramento da nossa própria pesquisa, constituem o resultado de mais de uma década de prospecções na região do Jau, levadas a efeito por aquele investigador.

Amuralhado do Elumbi

Situa-se na Bata-Bata, perto de um forno de cal. Constitui um círculo, embora não completo, por não ter sido acabado de construir, ou por ter sido destruído, na zona sul. Diâmetro interior — 42,4 m; dimensões da muralha na zona norte — 1,6 m de altura média e 2 metros de largura média, na base.

Amuralhado da Bianda

Localiza-se na Bianda, Bata-Bata. É circular, e está muito arruinado. Diâmetro interior — 60 m; dimensões dos troços de muralha ainda existentes — altura máxima, 2 m; largura na base, 2,3 m.

Amuralhado de Camúcuá

Situa-se entre a Bata-Bata e o Peão, na margem esquerda do rio da Bata-Bata (rio Nike). É um círculo, parcialmente arruinado, com um diâmetro interior de 48 m., e uma muralha com 1,6 m de altura e 2 m. de largo na base (originalmente, porém, esta muralha deve ter sido mais alta). Apresenta fundos de cabana no interior.

Amuralhado de Namcopo

Fica no Namcopo, Cangalongue, perto de um forno de fabricação de cal. É um semi-círculo voltado a uma zona de declive acentuado, que constituiria, desse lado, uma defesa natural (embora também se pudesse pôr a hipótese, menos provável, da parte restante do círculo de muralha ter sido usada no fabrico da cal, visto tratar-se de calcário dolomítico). Diâmetro interno, 49,4 m; dimensões da muralha — 1,95 m de altura e 2 metros de largura na base. Fundos de cabana no interior e exterior do recinto.

Amuralhado de Umpah

Situa-se em Umpah, numa colina de calcário dolomítico, próxima da estrada Cangalongue-Bata-Bata, e a sul da mesma estrada. É aproximadamente circular,

com um diâmetro interior de 57 m, no máximo. A oriente encontra-se em melhor estado de conservação, apresentando uma muralha (feita com blocos de calcário dolomítico) com 1,8 m de altura e de largura. Tem fundos de cabana no interior.

Amuralhado de Ompundayomuti

Fica junto à estrada Cangalongue-Bata-Bata, e a sul desta. Está em ruínas; é circular, apresentando um diâmetro de 38,5 m, e uma muralha que mede 1,8 m de largura média, na base. Fundos de cabana no interior.

Amuralhado de Calondo

Situa-se numa elevação entre as estradas Cangalongue-Bata-Bata e Cangalongue-Panga. Planta circular, com um diâmetro de 51 m. A muralha aproveita os afloramentos rochosos, preenchendo os seus interstícios. Tem 1,5 m de largura na base e, inicialmente, deveria ter atingido a altura de 2 m.

Amuralhado de Munhere

Situa-se em Munhere, perto de Calondo. É um recinto circular, com um diâmetro interior de 41,8 m. A muralha está parcialmente arruinada, tendo em média 1,5 m. de largura na base e uma altura, em certos pontos, de 1,5 m. Fundos de cabana, tanto dentro do recinto, como no seu exterior..

Amuralhado da Canga

Situa-se na Panga, perto do local em que a estrada Cangalongue-Panga vira para Bata-Bata. De planta circular, tem de diâmetro interno 59 m. A muralha atinge, nas zonas mais bem conservadas, 2 m de altura; a largura média da base é também de 2 m..

Amuralhado de Quetemo

Situa-se no vale de Mabanda, nos arredores da Panga, entre esta e a Bata-Bata. Circular, com um diâmetro de 44,5 m. A muralha, em ruínas, apresenta ainda uma altura máxima de 1,4 m; a sua largura é de 2 m em média.

Amuralhado de Bome

Localiza-se entre a Panga e o Cavambo, junto ao caminho que liga estas duas povoações. É de planta circular, com 40,9 m. de diâmetro interno. A muralha atinge a altura de 2 m, em certos locais, e tem igualmente 2 m. de largura na base.

Amuralhado do Cavambo

Situa-se no Cavambo. De planta basicamente circular, com um diâmetro de 38 m, mas à qual se acopla, a sul, uma proeminência semi-circular (espécie de bastião?), que lhe confere uma forma de «cabaça». A muralha, arruinada, tem de altura máxima 1,1 m e de largura, na base, 1,6 m.

Amuralhado do Pocolo

Fica no morro Pocolo. Trata-se do aproveitamento de uma zona de defesa natural, com um acentuado declive pelo norte e leste, completada com duas ordens de muralha pelo sul e oeste, as quais se situam a uma distância aproximada de 54 m. uma da outra. A muralha superior tem um perímetro de cerca de 130 m.; a inferior, de 54 m., aproximadamente. Ambas se encontram em ruínas. Acrescente-se que a largura da base da muralha superior é de 2 m, devendo ter sido essa, também, a sua altura.

*2.2 Alguns dos amuralhados**2.2.1 Localização**Amuralhado I da Huila*

Coordenadas geográficas: Long. 13° 32' 11" E Green.

Lat. 15° 2' 53" S (1).

Situa-se a cerca de 1 km. para Noroeste da povoação da Huila e a aproximadamente 2 km. a sul da cidade do Lubango, no limite leste do planalto da Humpata (altitude absoluta, cerca de 1.800 metros; diferença de cotas em relação ao vale localizado a leste, cerca de 70 metros) (V. Fig. 1).

De acordo com a Carta Geológica (2), encontra-se na *mancha da Série média da Chela* (Pz 2), correspondente a «xistos argilosos de várias cores; siltitos vermelhos; grés vermelho; grés branco feldspático de grão fino; quartzitos róseos brancos ou acinzentados passando gradualmente a grés e vice-versa» (o itálico é nosso).

Amuralhado do Leo

Coordenadas geográficas: Long. 13° 28' 10" E Green.

Lat. 15° 15' 15" S (3)

Localiza-se a cerca de 23 km. para Sudoeste do monumento anterior, aproximadamente 6 km a Sudoeste da povoação do Jau, e a cerca de 1 km e 800 m. a norte da povoação de Cangalongue. Está implantado num morro de pequena altitude em relação ao vale que se estende para leste (diferenças de nível entre 25 e 60 metros, aproximadamente), morro esse de relevo algo acidentado, com altitudes absolutas entre os 1.700 e os 1.740 metros (V. Fig. 6).

Situa-se na mesma mancha geológica do amuralhado anterior.

(1) Seg. a «Carta de Angola» na escala de 1/100 000, dos Serviços Geográficos e Cadastrais de Angola, folha 356 — Vila João de Almeida.

(2) Folha 356 — Vila João de Almeida, ed. pelos Serviços de Geologia e Minas de Angola.

(3) Seg. a «Carta de Angola» na escala de 1/100 000, folha 355 — Humpata-Cainde.

Amuralhado da Muelemba

Coordenadas geográficas: Long. 13° 27' 52" E Green.
Lat. 15° 16' 50" S (1)

Fica a cerca de 3 km. para Sudoeste do anterior, no local da Muelemba, a aproximadamente 1 km para Sudoeste da povoação de Cangalongue, e a cerca de 8 km., também para Sudoeste, da povoação do Jau. A altitude absoluta do local é de cerca de 1.600 metros (V. mapa da Fig. 6). Geologicamente, a colina em que se situa é integrável na mancha da Série superior da Chela (Pz3) — «calcários dolomíticos em bancadas, frequentemente solificados (...)» (2).

Amuralhado da Dangala ou Tchitunda

Situa-se no local da Tchitunda, do lado direito do caminho que de Cangalongue se dirige à Panga, na margem direita da ribeira Leo, a cerca de 6 km. para sul do amuralhado da Muelemba (3).

2.2.2 *Descrição**Amuralhado I da Huila* (v. Fig. 2)

Apresenta uma planta sub-circular, com cerca de 650 metros de diâmetro máximo. A muralha, que tem uma altura que varia entre 1,5 m. e 2,5 m., e uma espessura que vai de 80 cm. a 2 m., é constituída por blocos soltos de quartzito, encontrando-se desmoronada em alguns pontos. Por vezes, aproveita os próprios afloramentos rochosos do local, a eles se encostando, ou preenchendo os seus interstícios; nalguns casos, esses

(1) Seg. a carta cit. na nota anterior.

(2) Cfr. «Carta Geológica de Angola», folha 355 — Hum-pata — Caine.

(3) Não nos é possível pormenorizar mais a localização deste monumento, dele indicando as coordenadas geográficas respectivas, por não termos acesso, no momento da redacção deste trabalho, aos dados cartográficos detalhados e aos apontamentos de que dispúnhamos aquando da nossa visita ao mesmo.

afloramentos são mesmo rochedos de grandes proporções, permitindo assim uma defesa natural. Em certos pontos, como no troço sul, a muralha acompanha o declive ascensional do terreno. Trata-se de uma muralha única, apenas apresentando, a sul, uma pequena reentrância; não existem «torreões» ou «baluartes».

O amuralhado era servido por uma entrada a sudoeste e talvez outra, mais larga, a noroeste. A nordeste a muralha encontra-se arruinada nuns 50 m., o que permite a entrada no recinto. A nordeste e a leste, a disposição dos afloramentos proporcionava abrigos-sob-rocha. Em todo o interior da muralha são visíveis fundos de cabana, contornando a periferia do recinto, meramente nas zonas nordeste, leste, sudeste e oeste. Existem também alguns, em certos locais protegidos, mais para o interior da área fortificada, cuja zona central poderia ter sido reservada à recolha do gado. «Moinhos», normalmente abertos na própria rocha, ocorrem ao longo do interior da muralha, a nordeste, leste, e no grande afloramento noroeste. Por vezes os panos de muralha apresentam «perfurações» construídas, ou «seteiras», as quais se concentram em regra nas zonas de menor declive, e portanto menos defendidas naturalmente, como acontece a sul, sudoeste, e noroeste.

Imaginemo-nos agora a entrar no recinto e a seguir a muralha a partir do troço desmoronado, a nordeste; façamos uma rápida descrição dos elementos observáveis nesse percurso circular, no sentido dos ponteiros do relógio. O primeiro troço da fortificação que encontramos é constituído por um afloramento natural de grandes blocos, cujos interstícios foram preenchidos por pedra solta. A 140 m. da entrada existe um «abrigo-sob-rocha», tendo, no seu interior, um «moinho» escavado na própria rocha, perto do qual foi encontrado o respectivo elemento móvel («rebolo»). 50 metros mais adiante, surge de novo um rochedo de grandes proporções, integrado na muralha, a qual, a partir dele, se encontra constituída por pedra solta preenchendo os espaços entre os afloramentos. Estamos na zona leste da fortificação, e a linha da muralha começa agora a encurvar no sentido NE-SW. Aos 290 metros, surge um novo afloramento com duas depressões de moinho; 100 metros mais adiante, outro possível fundo de cabana e outro

moinho; mais para o interior, um abrigo-sob-rocha. Aos 480 m. existe uma laje com várias depressões de moinhos. Logo a seguir, aos 500 metros, a muralha apresenta uma bifurcação de cerca de 50 metros para o interior do recinto. Aos 530 metros, encontram-se duas «seteiras», uma em cada um de dois panos de muralha divididos por um rochedo. Estamos em plena zona sul da fortificação, e a muralha descreve uma linha no sentido E-W., subindo em altitude de acordo com a inclinação do terreno. Nesta zona de rochas escarpadas existe um abrigo-sob-rocha. Aos 560 metros, voltam a aparecer seteiras, em número de cinco, num espaço de 30 metros. Daqui divisa-se o rio N'goi, que fica a uns 200 m, e onde, segundo a tradição, o gado era levado a beber. Aos 630 metros, na zona sudoeste, abre-se uma estreita passagem, que seria utilizada no caminho do rio. Sendo impossível a continuação do percurso pelo interior, descreveremos a partir daqui a fortificação a partir do seu exterior. O primeiro troço de muralha que encontramos mostra-nos três seteiras (de ângulos visuais diferentes: uma no sentido N-S, as outras duas voltadas para Oeste); em seguida, rochedos de elevado porte prolongam a muralha. Aos 900m. esta volta a ser constituída por um preenchimento de pedra solta, com 15 metros de extensão. Aqui pode-se de novo passar para o interior; a «muralha» é então formada naturalmente por rochas de grande porte. Aos 1.100 metros — estamos na zona oeste — a muralha apresenta quatro seteiras e, após um pequeno desmoronamento, mais doze, estas ao longo de 50 metros; aqui, a muralha curva já no sentido SW-NE. Temos então uma plataforma sem muralha, correspondente a um afloramento, no qual se abrem quarenta depressões de moinhos. É daqui que se acede mais facilmente ao Amuralhado II da Huíla, que se situa a cerca de 200 metros. Chegamos à zona norte da fortificação, cuja muralha se apresenta muito bem conservada, e com seteiras, durante 130 metros. Após um novo troço desmoronado de 50 metros sobre a rocha de base, a muralha apresenta um troço bem conservado de mais 15 metros. Novamente a fortificação é tributária dos afloramentos naturais, durante 105 metros, e depois surge um outro troço de pedra solta, de 15 metros de extensão, que completa o circuito.

Durante as prospecções realizadas foram encon-

trados, à superfície, alguns artefactos, quer líticos, quer cerâmicos. Entre eles, mencionemos: no abrigo-sob-rocha a 140 metros da entrada inicial, e além do rebolo já mencionado, uma lasca residual, em rocha vulcano-clástica; aos 290 metros, um raspador na mesma matéria; aos 1.000 metros, um fragmento de vaso cerâmico decorado com incisões; perto da entrada inicial, um projectil de «canhangulo» (espécie de espingarda primitiva); a cerca de 150 m. para o interior do mesmo local da entrada inicial, segundo a direcção NE-SW., e junto de um fundo de parede aproximadamente rectilíneo, não longe de um fundo de cabana e de um afloramento com cerca de 80 depressões de moinhos, uma lasca residual em rocha vulcano-clástica.

Amuralhado do Leo (ou Eleu)

Apresenta uma planta sub-pentagonal, medindo, de perímetro exterior, 1.489 m., e de interior, 1.250 m. O recinto assim definido terá, seg. Machado Cruz, mais de nove hectares de área. A muralha, nas zonas mais desmoronadas, tem uma altura de 0,50 a 0,80 m., e em algumas das zonas mais bem conservadas atinge os 2,5 m. a 3 m. A sua largura máxima vai de 1,5 m. a 2 m. É constituída por blocos soltos de quartzito, e também aproveitada, como acontece no amuralhado I da Huíla, os afloramentos rochosos que encontra no seu caminho. Estando implantada numa área relativamente acidentada (com cotas que oscilam entre os 1.709 e os 1.741 m.), acompanha em certas zonas o declive ascensional do terreno, na maior parte rochoso (quartzítico). Umás vezes a muralha é singela, maciça (como acontece normalmente nas zonas acidentadas), outras é mais baixa, constituída por duas faces, entre as quais se encontram «nichos» onde possivelmente se abrigavam os defensores; este tipo de construção predomina nas zonas planas. Em certas áreas a muralha define linhas serpentiformes. Existem 7 bastiões na muralha: três na zona norte, dois na zona nordeste, um na zona oeste e um, de maiores dimensões, na zona sudeste.

Na zona nordeste da fortificação existe uma entrada, relativamente estreita, que deveria dar acesso ao rio;

talvez tivesse existido uma outra entrada aproximadamente a meio da zona leste. Em vários pontos do interior da construção vêem-se fundos de cabana, definidos por círculos de pedras, sendo especialmente importantes os que se situam perto do centro (cerca de 17) e os que se encontram na parte média da zona norte (cerca de 12), que, segundo a tradição, seria a zona onde residia o «soba» com as suas mulheres; nesta última área, existe uma parede em arco de círculo, disposta no sentido NE-SW., que contribuiria para a protecção desse reduto, o qual se encontra num dos locais mais proeminentes do recinto. Nesta zona encontrámos em elemento fixo de moinho manual e vários elementos móveis. São abundantes as seteiras construídas em variados troços da muralha singela (as quais têm secção quadrangular e cerca de 30 a 40 m. de lado). Esta apresenta normalmente vários elementos que lhe dão uma feição facilmente tipificável: grandes lajes encostadas à parte interior da base, colocadas ao alto, escorando a muralha; «seteiras»; grandes pedras dispostas verticalmente, a espaços, no cimo da muralha, para protecção durante a observação do inimigo (espécie de «merlões»); não é raro esta muralha assentar sobre grandes pedras, quando não existem afloramentos a servir-lhe de base. Um outro aspecto interessante, já observado no Amuralhado I da Huíla e em outras fortificações congêneres, diz respeito à forma de erecção da muralha, a qual apresenta duas nítidas faces, a interior e a exterior; à medida que nos aproximamos da parte superior, essas pedras vão abandonando a posição horizontal e dispondo-se em cunha, isto é, inclinadas, de um e outro lado, para a parte superior, através da colocação de pequenas pedras intermédias. Este processo construtivo, em que as duas faces se escoram mutuamente, permitiu certamente que a muralha se conservasse mais tempo.

Imaginando a nossa entrada na fortificação pela zona leste, façamos agora um rápido circuito das muralhas. O ponto por onde penetramos no interior do recinto, situado na parte média desse lado, e onde a muralha se interrompe, corresponderá a uma antiga entrada? É difícil afirmá-lo. A partir daí, a muralha prossegue no sentido sul-norte, e apresenta-se baixa, parcialmente desmornada, e com duas faces, entre as quais poderiam ter-se aberto «nichos» para os defensores, providos de «seteiras».

O terreno começa então a subir, e a muralha, construída sobre a rocha de base, torna-se simples. Nela se abre, a cerca de 80 metros da «entrada» por nós utilizada, o primeiro bastião, quadrangular, com cerca de 4,5 m. de lado e que, como todos os outros, teria uma função estrutural (contribuindo para o reforço da muralha, escorando-a) e defensiva, esta evidente. Também neste bastião surgem «seteiras» (em número de 6), duas das quais dispostas uma sobre a outra. A muralha continua então, apresentando de novo duas faces, separadas por um espaço intermédio, correspondendo portanto ao tipo que normalmente foi escolhido para as zonas mais planas; mas, com nova elevação de terreno, voltamos a encontrar a muralha singela, e, a cerca de trinta metros do bastião anterior, um novo bastião, este semi-circular. A muralha, neste sector nordeste, começa então a encurvar no sentido SE-NW, apresentando uma ligeira reentrância. A cerca de 50 metros do bastião anterior, novo bastião, igualmente semi-circular. Atingimos então uma zona plana, em que na muralha singela, muito bem conservada (resultado, em parte, de reconstruções recentes?) se abre a entrada norte. Os dois lados desta entrada evidenciam particularmente bem a técnica empregada na erecção da muralha, a que aludimos atrás. Segue-se um novo bastião semi-circular. A muralha continua no sentido leste-oeste, e, cem metros mais adiante, encontramos um novo bastião, bastante proeminente, e que, seg. Machado Cruz, protegeria o acesso a uma nascente próxima. É nessa zona que, um pouco para o interior, se situam vários fundos de cabana (uns a noroeste, outros a sudeste da parede aí existente), e que, segundo a tradição oral, corresponderiam à residência do soba que, naturalmente, se encontraria numa das áreas mais elevadas e bem protegidas da fortificação. Na zona noroeste desta, são abundantes os afloramentos rochosos aproveitados na muralha, que por vezes se resume ao preenchimento de interstícios naturais; a mesma muralha apresenta em certos pontos um traçado serpenteante. Entramos agora na zona oeste do amuralhado, em grande parte delimitada por um longo pano de muralha de duas faces, com um espaço intermédio, o qual se apresenta em mau estado de conservação; este troço inclui um bastião quadrangular. A muralha toma depois uma direcção aproxima-

damente oeste-leste, formando uma profunda reentrância semi-circular, que contribui para dar à extremidade sul do amuralhado um aspecto de esporão. É nesta área, em que a muralha se apresenta de novo singela, que encontramos alguns dos troços mais expressivos de toda a construção, com seteiras de aspecto muito regular. Ao chegarmos ao extremo sudeste do amuralhado, um novo bastião, este de grandes dimensões, nos surge, com a sua planta sub-rectangular e os seus 10 metros de largura por 25 metros de comprimento, aproximadamente. A muralha — simples — começa então a descer na direcção do local da nossa entrada.

Durante as prospecções realizadas em 1973-74 neste amuralhado (1) foram encontrados diversos artefactos líticos e cerâmicos na zona da provável residência do «soba». Entre eles, vários instrumentos de quartzo e lascas residuais da mesma rocha.

Amuralhado da Muelemba

Apresenta uma planta circular, com um diâmetro interior de 50 metros. A muralha, constituída por blocos calcários, tem uma altura, no interior, de cerca de 1,50 m. em média. O seu perfil transversal é sub-trapezoidal, com cerca de 1,70 m. na base maior e 0,80 m. na base menor. Trata-se de um amuralhado muito mais pequeno e simples do que os anteriores, e cujo aspecto regular se deve, pelo menos em parte, ao facto de ter sido mandado restaurar em data recente pelo Dr. Machado Cruz, quando era Director do Museu da Huila, o qual constatara que uma parte das pedras que compunham a muralha havia sido utilizada para fabrico de cal. Não

(1) De colaboração com Manuel Ribeiro, José Bezeza Moreira, João Ribeiro, e Fernando Loureiro, então alunos da Cadeira de Pré-história do curso de História da Universidade de Luanda (1973-74), para a qual, sob orientação do signatário, regente daquela cadeira, elaboraram o trabalho intitulado *Recinto muralhado do Eléu* que mais tarde publicaram no «Boletim da Câmara Municipal de Sá da Bandeira», n.º 38, 1975. Estranha-se a utilização, nessa publicação, de numerosas fotografias, cedidas pelo signatário para aquele trabalho escolar, sem uma referência à respectiva autoria.

tem qualquer acidente digno de interesse especial, à excepção de uma entrada, relativamente estreita e, no extremo oposto, em frente dessa entrada, um facto que não passa despercebido ao observador: a existência de uma árvore, aparentemente jovem, à qual se «encosta» a muralha (Fig. 11), que, assim, teria de ser bastante recente, conclusão que não parece coadunar-se com os dados da tradição oral que, seg. Machado Cruz, apontam para uma data muito antiga (1). A única explicação que encontramos para o facto é a desse troço de muralha ser produto da reconstrução referida.

O amuralhado da Muelemba situa-se na parte elevada de uma colina calcária, na qual se abre uma gruta, com duas galerias, uma superior, outra inferior, descrita há alguns anos por Ilídio do Amaral, numa nota sobre as formas cársicas dos calcários dolomíticos do planalto da Humpata (2). Uma abertura feita na área leste da colina dá hoje acesso cómodo à gruta, à qual, de outro modo, se teria de aceder por um poço vertical. Ora, em tal gruta, que visitámos na companhia daquele autor, «foram encontrados fragmentos de esqueletos humanos, restos de cerâmica, porrinhos de madeira, pedras para a moagem de cereais e outros artefactos». (Op. cit., p. 33). Na opinião de Machado Cruz (seg. o artigo inédito, já várias vezes citado) esta gruta poderia ter sido teatro de actos de antropofagia ritual, não sendo de excluir, segundo ele, uma relação entre a gruta, o amuralhado e duas «guaritas», construídas também com pequenas pedras, que existem próximo deste.

(1) Nota sobre o «karst» ou carso do planalto da Humpata (Huila), no Sudoeste de Angola, «Garcia de Orta», Sér. Geogr., 1(2), 1973, pp. 29-36.

(2) Cf. Vítor Oliveira Jorge, «Alguns estudos arqueológicos na região da Ganda», Museu de Arqueologia dos Cursos de Letras da Universidade de Luanda, 1974; *Novas estações arqueológicas do Sudoeste de Angola* (resumo), «Revista de Guimarães», Vol. LXXXV, Jan.-Dez., 1975, pp. 109-126.

Amuralhado da Dangala ou Tchitunda

Tem uma planta sub-elíptica, com cerca de 85 metros de eixo maior e 35 metros de eixo menor e um perímetro interior de aproximadamente 200 metros. A área interior é compartimentada em duas, através de uma parede transversal que deixa apenas uma pequena passagem, a leste, entre as duas grandes zonas do recinto, atravessando-o aproximadamente ao meio. Cada uma destas últimas apresenta ainda sub-compartimentações: a norte, através de uma parede longitudinal, paralela ao troço leste da muralha, e a alguma distância dele; a sul, através de uma parede em arco de círculo que define uma área sub-circular adjacente ao troço oeste. A altura da muralha é variável, atingindo por vezes os 2 m. ou os 2,50 m; a largura da base é de 2,80 m. em média. A muralha é hoje acompanhada, pelo exterior, por uma densa fiada de cactos que praticamente impossibilitam a circulação pelo exterior desta; aliás, o acesso ao recinto é feito através de um verdadeiro corredor aberto no meio daquelas plantas, por noroeste. Haveria aí realmente uma entrada, ou tratar-se-á de um troço de muralha actualmente desmoronada? De qualquer modo, existe uma outra entrada, a oeste da fortificação, que dá directo acesso à sua zona sul. Não existem «baluartes», nem «seteiras». A estrutura da muralha é porém bastante semelhante à dos amuralhados da Huíla e Leo, com grandes pedras a servirem-lhe de base, e com uma inclinação dos blocos superiores para fora e para cima, tanto na face interna, como na externa. Como são frequentes, no local, os afloramentos quartzíticos (rocha que constitui a matéria-prima da construção) muitas vezes as paredes interiores limitaram-se a encostar-se a eles ou a preencher-lhes os interstícios. São visíveis fundos de cabana, delimitados por pequenas pedras de suporte, em vários pontos do amuralhado; os moinhos manuais (elemento fixo e elemento móvel), feitos em rocha diferente da que aflora no local, são também abundantes.

Embora de muito menores dimensões do que os dois primeiros amuralhados descritos, o amuralhado da Dangala é interessante pelo tipo de planta adoptado, relativamente mais complexo, permitindo uma compartimentação interior da área envolvida.

mentaço interior da área envolvida. A nordeste, a parede interior e o troço de muralha acompanham as curvas de nível, situando-se a parede interior num plano superior ao da muralha.

3. CONCLUSÕES PRELIMINARES

Pelo que ficou dito, torna-se evidente a existência, no planalto da Humpata, de dois grandes tipos de recintos muralhados: uns de formas muito simples — basicamente circulares — e, regra geral, de dimensões restritas; outros, como o amuralhado da Huíla ou o do Leo, muito maiores, ocupando grandes áreas, e de traçado mais caprichoso, conjugando a necessidade de proteger grandes aglomerados populacionais, com as características topográficas do terreno, às quais se adaptam de forma mais ou menos perfeita.

Uns e outros situam-se normalmente em pequenas elevações, em certa medida defendidas naturalmente pelo declive do terreno ou pela presença de afloramentos rochosos, que aproveitam. As muralhas são sempre de pedra vã, colocada segundo uma técnica simples, mas eficaz: as duas faces escoram-se uma à outra, através da inclinação para o centro dos blocos de pedra que as constituem. Tais blocos, das duas faces vêm-se juntar no topo, que assim adquire uma secção genericamente triangular.

Perguntamos agora: qual a classificação funcional, cronológica e corológica destes amuralhados?

A *função* para que foram construídos parece não oferecer dúvidas: seria, obviamente, a defensiva. Para Machado Cruz (artigo citado) seria apenas na época das secas que decorreriam as guerras tribais, uma vez que na época das chuvas estas regiões se tornavam intransitáveis para grandes grupos; nesse tempo seco, as cubatas construídas no interior das muralhas estariam protegidas de um ataque pelo fogo, que nessas muralhas encontraria, por assim dizer, um travão ao seu avanço.

Já muito mais difíceis são as questões de cronologia e corologia, sendo aliás possível que os diversos amuralhados tenham sido construídos em momentos diferentes e por povos variados.

Relativamente ao Amuralhado I da Huíla, as nossas

alunas, Eurídice Carvalho e Marinela Costa, recolheram alguns elementos da tradição oral junto do soba muila Ndokoso (talvez com mais de 80 anos de idade). Disse-lhes ele ter sido seu avô Ducuto quem mandou fazer o amuralhado. Quando havia guerra, isto é, quando os Ovikwenu e os Ovanano atacavam, o soba reunia o povo da região e mandava-o com os animais para o amuralhado. Mas ele, o soba, não saía da «imbala», ficava ali com uma parte dos homens, armados com «bandja» (espécie de arma primitiva cujos projecteis seriam feitos de pedra; mais tarde, utilizavam «canhangulos» com projecteis de metal feitos por eles próprios). Por vezes os homens não queriam combater, nem no amuralhado, nem ali, na «imbala», pelo que o soba mandava que lhes cortassem a cabeça ali mesmo, junto de sua casa, na pedra denominada «corta-cabeça». Relativamente aos Ovikwenu e aos Ovanano, disse desconhecer de onde vinham, mas que não tinham canhangulos, usando apenas zagaias e flechas; vinham para roubar o gado e instalar-se nas terras dos muilas, o que estes não consentiram, repelindo-os. Nesse tempo não havia brancos.

Nesta descrição há uma série de elementos contraditórios (*Vide*, adiante, depoimento de C. Estermann em apêndice). Não é este porém o único caso em que a tradição oral aponta para uma data relativamente recente da edificação de um amuralhado. Machado Cruz (*Op. cit.*), relativamente à fortificação de Umpah, recolheu, da boca de um velho de nome Munepaca, as seguintes informações: teria sido seu pai, do clã Ovakwenti (= do touro reprodutor), quem construira a muralha em causa, quando ele ainda era criança, para defesa contra os Kwenos (hotentotes); aí se refugiavam na época da seca, habitando o seu exterior no período das chuvas. Toda a família havia trabalhado na construção das muralhas.

Relativamente ao amuralhado do Leo, e ainda segundo Machado Cruz, existem também dados da tradição oral. Teriam sido os antepassados do soba do Jau que teriam erigido a muralha; ora, se este fosse, como parece, posterior à cisão do sobado da Huila (*vide* 1.2.4.2), então a sua data não recuará mais do que os finais do séc. XVIII. A tradição parece apontar no mesmo sentido relativamente à Dangala. Ela teria, de acordo com o

mesmo autor, sido construída para residência dos parentes do soba do Jau fisicamente incapacitados (estas pessoas, devido a tabu, não podem viver com o soba); aliás, a sua compartimentação interior explicar-se-ia, segundo a mesma fonte, pela vontade de tornar mais independente o espaço de cada um dos eventuais ocupantes.

Em muitos outros casos, porém, a tradição oral não regista já qualquer dado sobre a data da construção. Machado Cruz, no mesmo trabalho várias vezes citado, pensa mesmo ser «legítimo dizer que o aparecimento deste tipo de construção se processou numa época anterior ao conhecimento do ferro, à introdução da economia pastoril na região e em plena vivência da economia de colectores e caçadores que permitia uma vida sedentária», acrescentando que tal não obriga a pensar-se numa época «acentuadamente remota», pois «alguns grupos do Sudoeste de Angola, não há muito tempo ainda que saíram da Idade da Pedra».

Estamos, como se vê, a caminhar sobre conjecturas. Todavia, muito *a priori*, parece-nos mais coerente a ligação dos amuralhados a uma economia de produção do que de caça-recollecção, economia essa que, como vimos de início, não é muito antiga em Angola e, basicamente, se liga à Idade do Ferro; e, até, não nos repugna admitir uma data relativamente recente para a generalidade dos amuralhados referidos no presente trabalho, correspondente a um período coetâneo da História contemporânea ou, quando muito, moderna. Não é de facto incoerente pensar-se que o embate de duas civilizações — a europeia, portuguesa, e a africana negra, com todo o domínio tecnológico e militar da primeira, e à medida que se processava a «ocupação» do Sudoeste de Angola, terá introduzido elementos de crise e convulsão interna nas sociedades negras que as terá levado a lutas intestinas e a um estado de permanente alerta que justificariam a construção dos amuralhados. Tal processo poderia ter-se sobreposto a factores internos ao próprio desenvolvimento histórico das sociedades bantas, acentuando-os. Mas tudo isto são hipóteses muito gerais, e cremos que a aquisição de conhecimentos mais seguros implicará um programa interdisciplinar de pesquisas, históricas, etnológicas e arqueológicas, com uma recolha sistemática de toda a documentação escrita de origem

européia, tratamento exaustivo dos dados da tradição oral, e, finalmente, estudo arqueológico dos amuralhados, que, com raras excepções, nunca pôde ser tentado na época colonial, devido ao relativo pouco tempo de permanência dos investigadores que pelo assunto se interessaram, e que a tal se podiam abalançar.

Por outro lado, parece-nos que, *a priori*, é algo precipitado generalizar relativamente a todos os amuralhados do Sudoeste de Angola, antes que se tenham feito prospecções exaustivas e uma cuidada tipologia das fortificações, uma vez que a uma primeira análise ressalta a clara existência de amuralhados muito diferentes entre si. Já vimos como no planalto da Humpata existem fundamentalmente dois tipos, um muito simples, o outro mais complexo, como no Leo e Huíla. Para este último tipo encontramos um paralelo no amuralhado da Umata (Serra do Indongo, Ganda), que visitámos na Páscoa de 1974, e que é também provido de seteiras e de «bastiões» circulares, apresentando uma técnica de construção de muralhas semelhante. Já na zona do rio Cunene observámos dois amuralhados — o do Óci (antiga Vila Folgares), justamente célebre pelas suas enormes dimensões, e o do Chibirundo (Gove), que parecem corresponder a uma tipologia diferente. Na mesma área, na estação do Féti (Gove), temos uma associação de muralhas e do que parece serem fossos, ambos em muito mau estado de conservação, para os quais não conhecemos paralelo; tratar-se-á, talvez, de uma das estações mais importantes da Idade do Ferro angolana. Por fim, um último tipo de locais defensivos são os *inselberge* fortificados, frequentes na região da Ganda — Quitavava (1), Pumbala, Lumbi —, Huambo, etc., e cuja tradição se manteve até há pelo menos 70 anos, como o mosta o exemplo das «Pedras do Candumbo», nos arredores da cidade do Huambo (2).

(1) O presente trabalho foi objecto de duas comunicações apresentadas em 1975 à Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa) e à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Porto).

4. APÊNDICE DOCUMENTAL

*Depoimento inédito do etnógrafo Pe. Carlos Estermann
sobre os amuralhados da Huíla*

«O aliciante problema da origem e do motivo da construção das fortificações primitivas existentes no distrito da Huíla está longe de ter sido esclarecido.

«Mesmo fazendo abstracção da parte pré-histórica — sobre a qual a incompetência de quem escreve estas linhas não permite emitir pareceres — resta ainda uma imensa série de dificuldades a resolver, no que diz respeito à fase histórica e etnológica.

«A causa principal das incertezas é a falta de documentos escritos, o que obriga o estudioso a recorrer às tradições orais dos povos que habitam actualmente a região, as quais tenham sido publicadas por autores num tempo mais ou menos recente. Ou então pedir informações directamente a alguns representantes das etnias existentes.

«Ora ambos os recursos se apresentam bastante deficientes. Com efeito no primeiro caso depara-se facilmente com lendas pouco consistentes, se não completamente contraditórias e no segundo com uma falta de perspectiva histórica que nos parece incompreensível.

«Vamos passar a dar alguns exemplos. O velho informador Ndokoso pretende que o «otymphaka» da Huíla foi construída por um seu avô, o que é mais que duvidoso. Afirma também que a fortaleza servia para se defenderem dos Ovikwenu, ou seja, os «Hotentotes» primeiro, e depois também, contra os «Ovanano», ou seja os Ovimbundu. Ora os primeiros iniciaram as suas incursões ao Sudoeste de Angola em 1885 e os segundos já em 1806! Maior ainda é a confusão do mesmo informador a respeito do «corta-cabeça», episódio trágico de que foi vítima o major Silva em 1860. — Outros informadores contaram a um missionário do Jau que o Eleu tinha sido erguido contra os tais «Hotentotes». Fizeram estas declarações em 1938 ou 39, quer dizer passado um pouco mais de 50 anos desde o princípio dos assaltos destes bandoleiros, quando é certo que uma inspecção mesmo superficial do amuralhado nos convence de que deve ter muito mais idade.

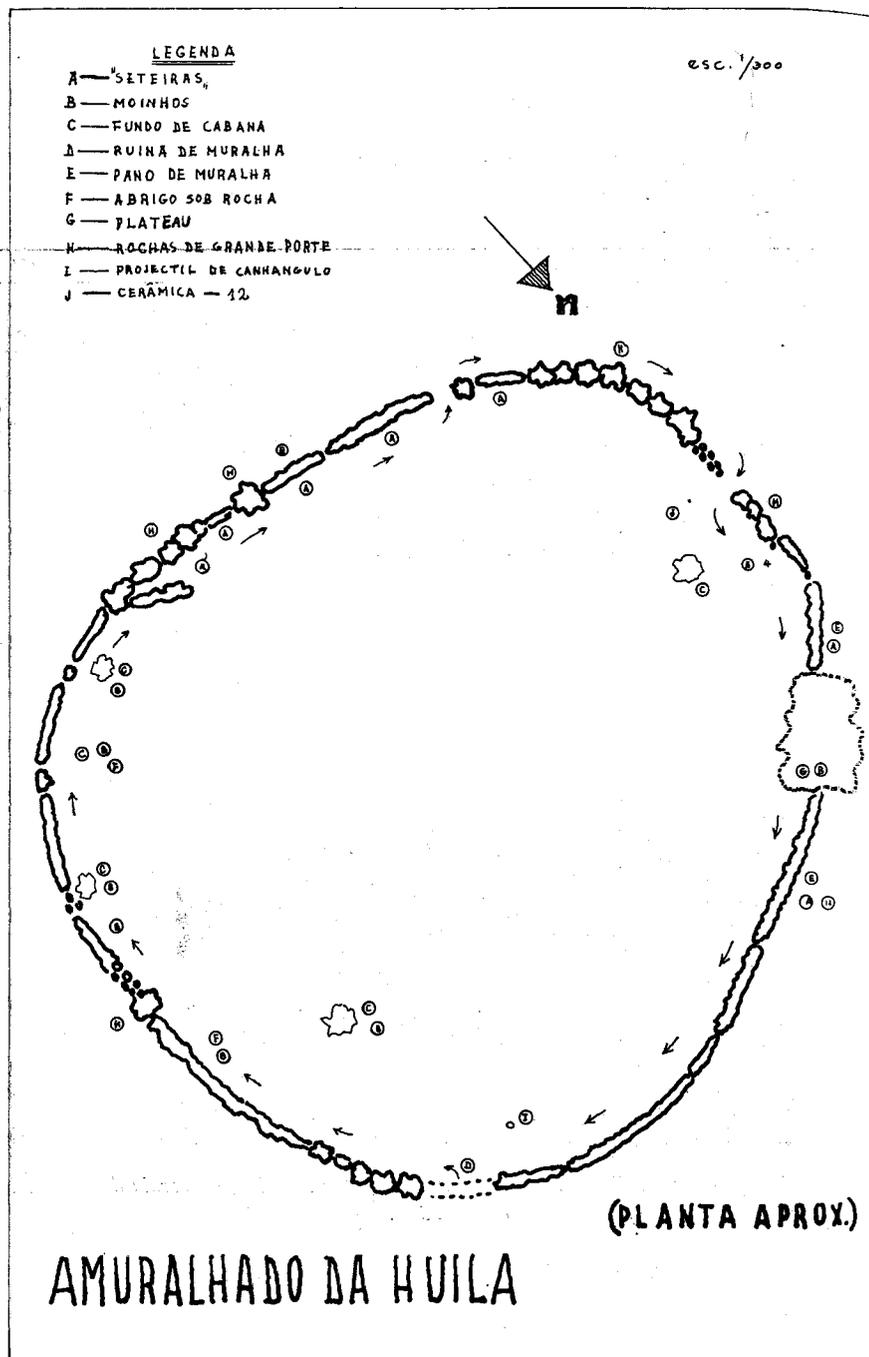
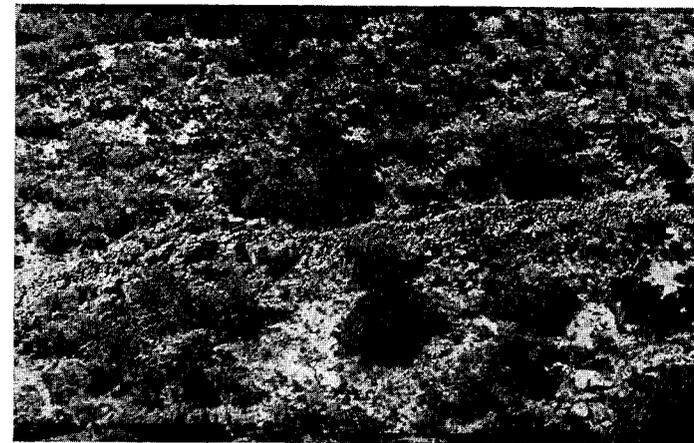
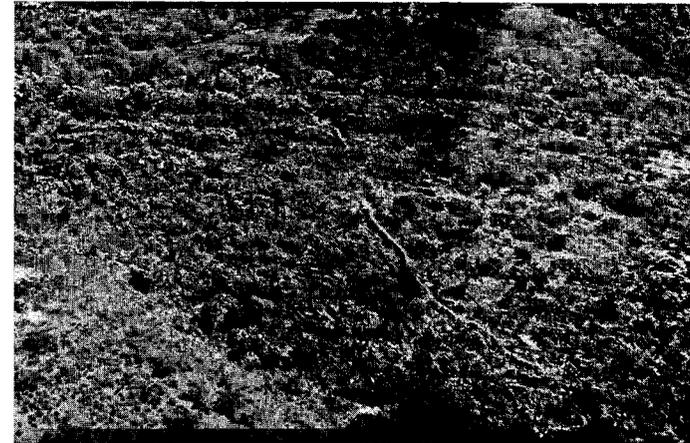


Fig. 2 — Esboço muito aproximado e esquemático da planta do amuralhado I da Huila.



Figs. 3 e 4 — Vistas aéreas do amuralhado I da Huila (respectivamente a 80 e 40 metros de altitude).

(Fotos de Eurídice Carvalho)



— Amuralhado 1 da Huila. Pano de muralha (interior); zona noroeste.

(Foto do autor)

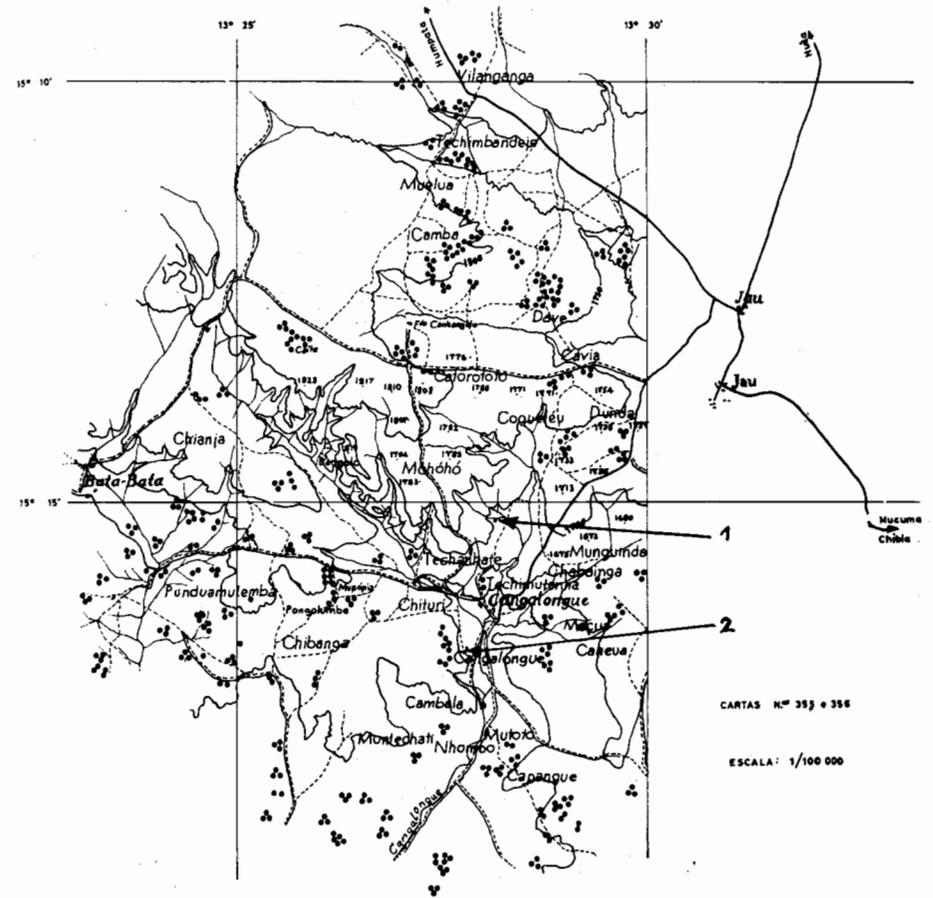


Fig. 6 — Localização dos amuralhados do Leo (1) e da Muelemba (2) (carta de 1/100.000, folhas 355 e 356).

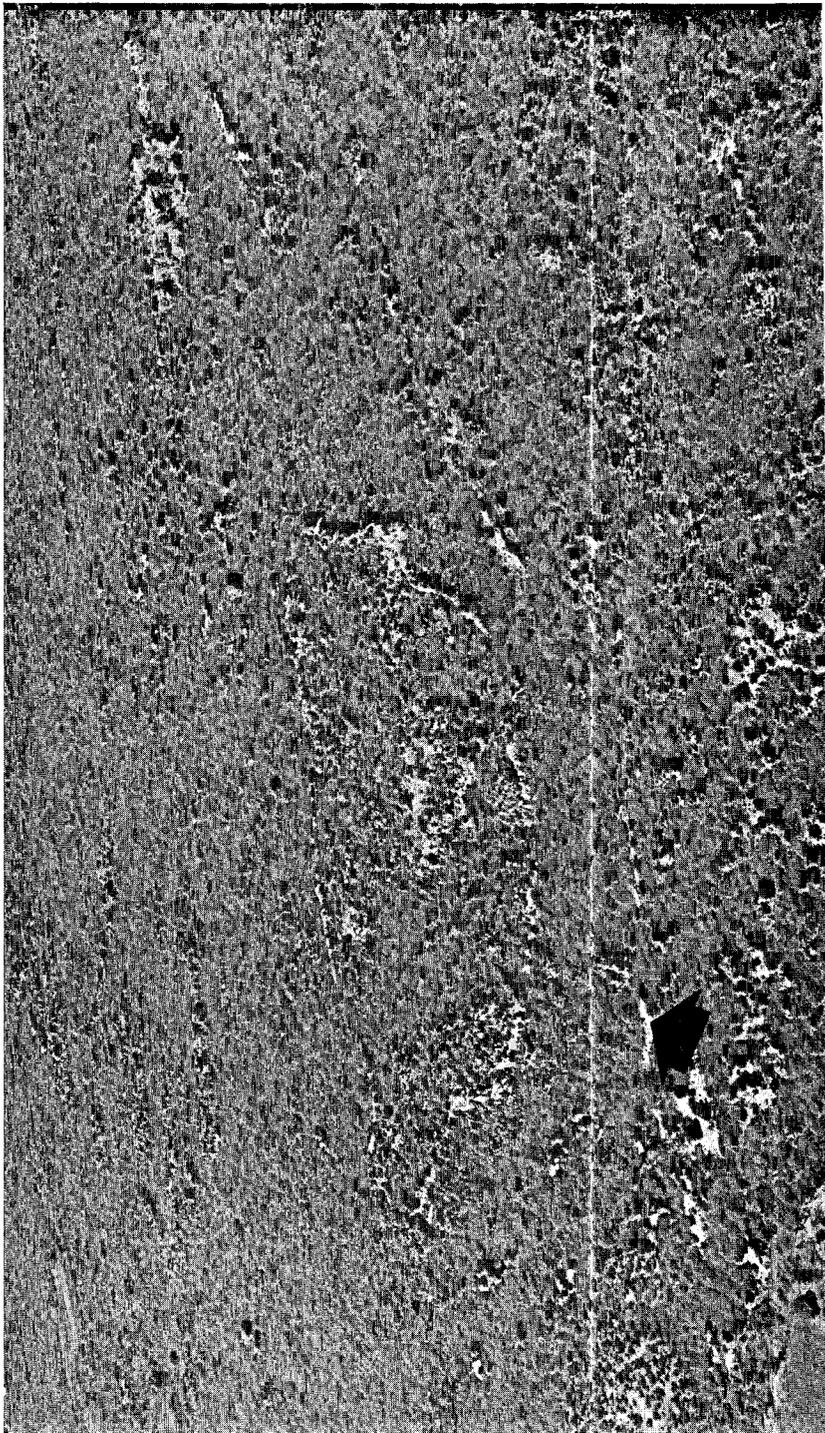


Fig. 7 — Vista aérea do amuralhado do Leo (Jau). A seta indica o caminho de acesso, para quem vem do Sul.

(Foto de M. Ribeiro, J. Ribeiro, F. Loureiro e B. Moreira)



Fig. 8 — «Abrigo» entre as duas faces da muralha (amuralhado do Leo)

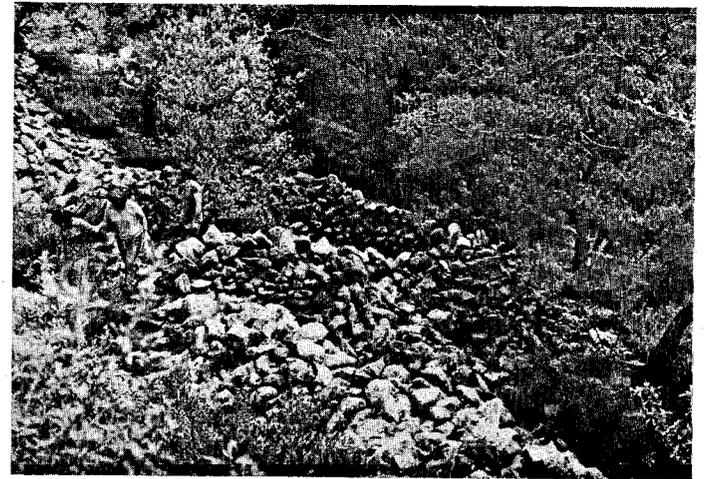


Fig. 9 — «Bastião» quadrangular do amuralhado do Leo (visto do interior deste)

(Fotos do autor)



Fig. 10 — Leo: perspectiva de um troço de muralha singela, visto do interior. À esquerda, uma entrada da fortificação.
(Montagem de fotos do autor)

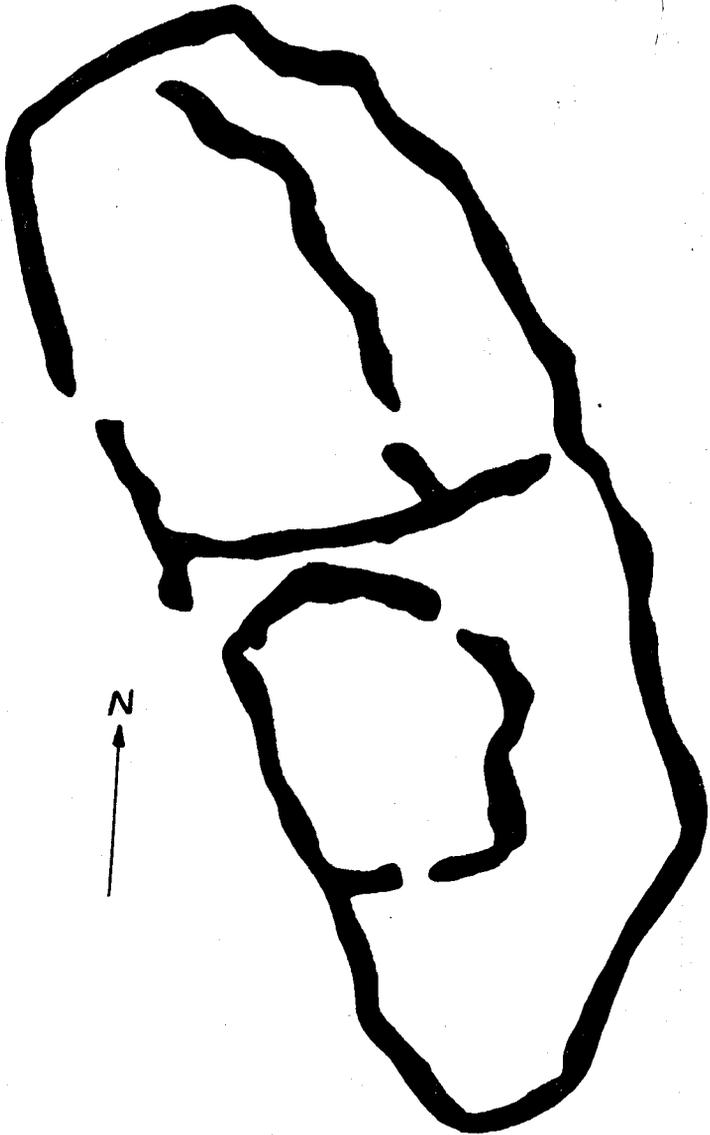


Fig. 11 — Pormenor da muralha, visto do interior, do amuralhado da Muelemba (Cangalongue). As pedras estão encostadas ao tronco da árvore, evidenciando o carácter recente (reconstrução?) deste troço da muralha.



Fig. 12 — Uma perspectiva do amuralhado da Dangala ou Tchitunda (S. de Cangalongue).

(Fotos de A. Ribeiro e A. Baptista)



Esc. : 1/500

Fig. 13 — Esboceto de planta do Amuralhado da Dangala ou Tchitunda (S. de Cangalongue), baseado num levantamento de Machado Cruz.